

# O psicopata e o subproletário

MICHEL LEGRAND (\*)

Há já dois ou três anos, quando estava ocupado na realização de um curso sobre Psicopatia, li a obra de M. C. Ribeau — *Les Enfants des Exclus*. Fiquei espantado ao descobrir que os traços de personalidade descritos pelo autor como característicos das crianças subproletárias eram idênticos aos traços classicamente atribuídos aos «psicopatas» pela psiquiatria! Desde esse instante, tive a intuição de que existia uma relação íntima, insuficientemente articulada, entre a referida psicopatia e o subproletariado. Uma intuição que me preocupei desde logo em controlar e sistematizar. Encetei assim uma pesquisa que veio recentemente a encontrar expressão num pequeno ensaio de síntese provisório intitulado *Para uma abordagem sociopsicológica da psicopatia*. São algumas perspectivas desenvolvidas nessa obra que pretendo retomar aqui.

## 1. A CATEGORIA PSIQUIÁTRICA DE PSICOPATIA

Sob a denominação de *psicopatia*, a psiquiatria pretendeu designar uma entidade

nosográfica específica, distinta das neuroses e das psicoses.

Preocupada na construção de uma teoria da psicopatia, ocupou-se particularmente com a descrição da sua sintomatologia clínica e com a descoberta do seu mecanismo patogénico produtor<sup>(1)</sup>.

### 4) SINTOMATOLOGIA CLÍNICA

A psiquiatria descreve a sintomatologia psicopática sob a forma de traços de personalidade: o psicopata é não-afectivo, amoral, incapaz de uma inserção prolongada, inautêntico e mitómano, impulsivo, inconsistente...

*Não afectividade* — O psicopata não reconhece o outro como pessoa ou como sujeito; trata-o como objecto utilizável ou manipulável em função dos seus únicos interesses.

*Amoralidade* — O psicopata é incapaz de se referir de maneira constante a uma escala de valores estáveis que constituiria um guia permanente das suas condutas.

*Temporalidade imediata* — O psicopata vive inteiramente no instante, no momento

(\*) Professor da Universidade de Lovaina e do I. S. P. A.

(1) Refiro-me essencialmente à obra de L. Casiers, *Le Psychopathe Délinquant*.

presente. Não recapitula o passado, o que, por consequência, o incapacita de retirar quaisquer ensinamentos da sua experiência anterior. Do mesmo modo, não projecta o futuro, permanecendo assim impotente para encadear acções coerentes com vista à realização de um objectivo.

*Mitomania* — O psicopata tem uma tendência para a confabulação. Nenhuma verdade, nenhuma autenticidade penetra e anima a sua linguagem, as descrições do seu passado, as proclamações das suas intenções, as suas declarações de projectos para o futuro; tudo se alimenta e mistura de sonhos fantásticos cuja realização efectiva não chega a ser sequer encarada. «Se ele vos põe a par dos seus projectos, é como se a realidade fosse já um facto, na medida do seu desejo. Ele toma, como se diz, os seus desejos por realidades...: de um certo modo, ele sonha» (J. Kinable, p. 44).

*Impulsividade* — O psicopata deixa-se conduzir pelas tensões pulsionais que o sollicitam no momento e às quais dá uma satisfação imediata na passagem ao acto directo, com uma impulsividade primária. É incapaz de refrear as suas pulsões, de as modular e de as canalizar.

*Inconsistência* — Instável, hábil em cada instante, mudando a todo o momento, o psicopata não é verdadeiramente uma pessoa idêntica a ela mesma, unificada, coerente, em continuidade consigo própria através do tempo.

## B) PATOGENIA

Após ter descrito a personalidade do psicopata, diversificada numa multiplicidade de traços ou de modos de comportamento estáveis, a psiquiatria enceta um processo explicativo, cujo ponto central consiste na formulação de uma hipótese «patogénica».

Os sintomas psicopáticos não estarão englobados num défice mais fundamental?

A perturbação psicopática não derivará, não terá as suas raízes numa falha que afectaria a estrutura psíquica?

É assim que alguns, reclamando-se do modelo psicanalítico, pretendem pôr em evidência, na própria raiz da perturbação psicopática, um défice do Super Ego, ou uma carência da função imagética, ou ainda uma incapacidade em elaborar simbolicamente as tensões pulsionais (?).

## 2. ANÁLISE CRÍTICA DA ABORDAGEM PSIQUIÁTRICA

À vista desarmada, dois elementos ressaltam do discurso psiquiátrico: a normalização e a individualização.

Realçamos desde já que todas as formas de comportamento psicopático são formuladas em termos *negativos*. É quase desnecessário dizer o que já por tantas vezes foi repetido, mas o discurso psiquiátrico sobre a psicopatia, mais uma vez e de maneira particularmente evidente, demonstra que uma operação fundamental de *normalização* atravessa de uma ponta à outra a abordagem psiquiátrica. A psiquiatria absolutiza as normas de um comportamento são ou positivo, em relação às quais o psicopata se encontra em défice: o psicopata tem falta daquilo mesmo que define o próprio homem, o homem normal, ou seja, a afectividade, a moralidade, a capacidade de inscrever a sua existência no tempo, a autenticidade, a possibilidade de reprimir ou de canalizar as suas pulsões, a consciência.

Em seguida, pode-se observar que a psiquiatria procura a explicação do comportamento psicopata *no próprio indivíduo*, numa

---

(?) A proposta de L. Cassiers é exemplar neste ponto. Tendo definido a psicopatia como défice do Super Ego, mostra de maneira particularmente rigorosa como cada um dos sintomas psicopáticos se funda ou se origina no défice subjacente do Super Ego.

como que falha da sua estruturação psíquica<sup>(3)</sup>. Ao proceder assim, a psiquiatria redobra a negatividade do comportamento psicopático. Eu diria até que ela a enclausura, instalando-a nas camadas mais profundas da subjectividade individual. Não só o psicopata é amoral, impulsivo, inconsistente, mas também a sua personalidade está afectada por um defeito radical, por uma falha fundamental e sem dúvida irreversível, que atinge as próprias raízes da humanização e que o exclui quase definitivamente da normalidade, ou mesmo da própria humanidade<sup>(4)</sup>.

### 3. ABERTURA AO SOCIAL E DESPSIQUIATRIZAÇÃO

Proponho-me agora reduzir e ultrapassar essas duas componentes do discurso psiquiátrico, praticando uma abertura sobre a dimensão social, cujo alcance gostaria de sublinhar em primeiro lugar.

Simplificando muito, poder-se-ia dizer que no campo psiquiátrico a abertura ao social se desenvolveu em duas direcções inicialmente bastante diferentes.

Uns evidenciaram os factores sociais implicados na génese e formação das doenças mentais; outros denunciaram a construção social das «doenças mentais», no sentido de que não existiriam doenças mentais senão as construídas e produzidas por um aparelho

---

(3) Mesmo se, num segundo tempo, a psiquiatria se esforça por atribuir essa falha intrapsíquica a factores etiológicos, entre os quais figurariam (ao lado de factores orgânicos ou constitucionais) os factores psicogenéticos ambientais (tais como incidentes na primeira infância que tenham induzido uma perturbação na relação criança/mãe).

(4) A este respeito, repare-se quanto a psicanálise, longe de derrubar a barreira do normal e do patológico (cujo mérito lhe tem sido tantas vezes e ligeiramente atribuído). Ela está, bem pelo contrário, a procurar consolidar e reforçar essa mesma barreira.

psiquiátrico, ele próprio ao serviço de uma sociedade que visaria, pela sua interpretação, controlar certas categorias de desvios.

É evidente que a abertura ao social, concebida no primeiro sentido, não é suficiente para pôr em questão a abordagem psiquiátrica. Com efeito, ela preserva geralmente a especificidade do objecto «doença mental», limitando-se a integrar variáveis sociais (micro-sociais ou macro-sociais) na visão deste objecto<sup>(5)</sup>.

Mais ainda, ela pode inclusivamente legitimar uma expansão do campo da intervenção psiquiátrica que deverá segundo esse princípio alargar-se ao meio social, à família, ao grupo, ao bairro.

Creio entretanto que, praticada com um certo radicalismo, a investigação de uma inteligibilidade social do comportamento «patológico» — ou seja: o evidenciar das condições sociais da existência que produzem esse comportamento, ou, em todo o caso, que o tornam inteligível — deveria permitir pôr em causa a própria definição do comportamento como patológico, pôr em questão a operação através da qual o comportamento é desqualificado, estigmatizado, menosprezado<sup>(6)</sup>.

---

(5) Poderíamos situar aqui a contribuição da corrente epidemiológica. Esta não põe seguramente em causa, ao contrário pressupõe, a existência de doenças mentais. Desse modo diríamos que os esquizofrénicos existem. Simplesmente são mais numerosos na classe operária ou nas zonas urbanas degradadas ou anomizantes. O grande clássico da literatura epidemiológica americana (Hollingshead et Redlich, *Social class and mental illness*) é bastante representativo neste aspecto.

(6) Assim, em *L'Équilibre Mental, la Folle et la Famille*, Laing e Esterson, não só conferem uma inteligibilidade aos comportamentos ditos esquizofrénicos, restituindo-os à dinâmica de um conjunto de relações familiares, como também, e no mesmo sentido, põem em causa o processo pelo qual os comportamentos são etiquetados como comportamentos esquizofrénicos.

Do mesmo modo, podemos considerar interessante o modo como Cuau e Zigante, em *La Po-*

Essa seria a minha ambição: fazer confluir, reconciliar, a propósito da psicopatia, o que tenho vindo a referir como sendo as duas direcções de abertura social. Preservar o discurso psiquiátrico na sua única componente descritiva<sup>(7)</sup>, mas anular o movimento de fundamentação intrapsíquica, recusar a procura, no indivíduo e nas estruturas, subjacentes da sua personalidade; das razões de ser do seu comportamento «psicopático»<sup>(8)</sup>, restituir o comportamento «psicopático» às condições de existência concretas do subproletariado; do mesmo modo, dar a esse comportamento um sentido novo — um comportamento não aberrante, deficiente ou doentio, mas sim inteligível, inteiramente positivo e mesmo, ousaríamos dizer, «racional» e «normal»; enfim, questionar o próprio significado da psiquiatrização do comportamento «psicopático» enquanto operação de control normalizador exercida sobre uma camada social precisa<sup>(9)</sup>.

---

*litique de la Folie*, se aproveitaram das análises epidemiológicas de Hollingshead e Redlich, através de uma abordagem política mais radical da esquizofrenia.

(7) Quero dizer que dou este crédito mínimo à psiquiatria, o de ter descrito (menosprezando-os abusivamente) modos reais de comportamento. Assim, aceito por exemplo a existência de indivíduos que estruturam a sua existência segundo um regime de temporalidade curta.

(8) Subjacente a esta atitude, deverá existir, por princípio, uma desconfiança sistemática em relação a este «mentalismo» que a psicanálise propagou largamente face a qualquer hipótese sobre as entidades ou processos internos. Neste sentido, partilho em muitos aspectos as posições epistemológicas, sempre fecundas nos nossos dias, de Politzer. Não nego de modo absoluto a existência de processos intrapsíquicos; sugiro apenas prudência, desconfiança, tanto mais que o apelo a estes processos serviu frequentemente para ocultar uma outra ordem de realidades, que eu designaria por condições sociais «concretas» de existência.

(9) Devo confessar que não foi levantada esta questão importante que um David Cooper nos

#### 4. OS COMPORTAMENTOS «PSICOPÁTICOS» E AS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA DO SUBPROLETARIADO

Numa obra minha, citada mais atrás, esforcei-me em ir além de uma mera relação dos traços da psicopatia e das condições de existência do subproletariado. Com efeito, através da leitura de alguns trabalhos etnológicos ou históricos, pareceu-me que os modos de comportamento «psicopáticos» eram os modos normativos de comportamento de certas sociedades ou de certas culturas. Penso em particular na questão de privilegiar o presente em detrimento de uma tomada de posse em relação ao futuro, o que constitui, sem dúvida, o traço cardinal da psicopatia e que caracteriza, na generalidade, todas as sociedades pré-capitalistas<sup>(10)</sup>.

Cheguei também à conclusão que a normatividade destes modos de comportamento obedecia a uma lógica social dominada pelas condições de produção económica. Por último, formulei a hipótese segundo a qual a formação do modo de produção capitalista teria exigido a erradicação destes modos de comportamento (que o suproletariado entretanto continuaria a expressar nos nossos dias devido às suas próprias condições económicas de existência), em benefício de um novo modelo de existência, expresso pela classe burguesa e imposto brutalmente ao proletariado<sup>(11)</sup>.

Não cabe aqui desenvolver em detalhe os termos desta análise. Limitar-me-ei pois

---

ajudaria a articular: será que existe um sentido político subversivo, revolucionário, no comportamento «psicopático»? Será este portador de um projecto radical de mudança social?

(10) Aconselho, sobre esta questão, o bom artigo de Pierre Bourdieu, *La Société Traditionnelle. Attitude à l'égard du Temps et Conduite Économique*.

(11) Foi a recente obra de Ph. Meyer, *L'Enfant et la Raison d'État*, que me permitiu formular e explanar esta hipótese.

a estabelecer um elo entre as condições de existência do subproletariado e os traços característicos da psicopatia, não sem ter primeiramente situado sumariamente as duas obras das quais extraí o material para a minha reflexão. A obra de Paul Vercauteren, *Les Sous-prolétaires*, de que muito me servi, é uma obra de carácter sociológico, mas que integra o estudo dos modos de vida, das mentalidades, da ideologia. Quanto à obra já citada de M. C. Ribeaud, *Les Enfants des Exclus*, ela é muito mais psicológica: procura analisar os problemas do desenvolvimento psicológico das crianças subproletárias.

Esta última obra exige um pequeno comentário, pois recoloca a problemática dos défices com certa acuidade. De facto, M. C. Ribeaud, utilizando como modelos de referência as teorias do desenvolvimento da criança, saídas da obra de Piaget e da Psicanálise, elas próprias impregnadas das «normas habituais da nossa civilização», não podia, como ela própria refere (p. 155), senão realçar os *handicaps*, as carências, as perturbações (perturbações da construção do objecto, da estruturação do esquema corporal, da linguagem, da constituição da subjectividade...), mesmo manifestando — e é esse o principal interesse do seu livro — a preocupação constante em ligar essas perturbações às suas condições sociais de formação: «Nós falamos de psicologia, mas fazemo-lo sentindo cada vez mais a fragilidade deste termo. As condições materiais escondiam-se por detrás dos comportamentos, modelando-os nos mínimos detalhes. Já não é possível referir os gestos quotidianos dos homens e das mulheres sem evocar o alojamento, o desemprego, a doença...» (p. 245)

Eis-nos de novo colocados perante este dilema, hoje bem determinado, para o qual não tenho soluções: devemos aceitar ou recusar o discurso que se fundamenta *a priori* na existência de *handicaps*?

Recusá-lo enquanto sinal de um etnocentrismo de classe, que negaria os próprios valores do subproletariado com vista a submetê-lo às normas burguesas<sup>(12)</sup>? Recusá-lo correndo o risco de legitimar o estado de miséria socioeconómica que gera esses valores específicos? Ou aceitá-la com a condição única de a aproveitar como trampolim para uma luta contra as condições de vida escandalosas, destruidoras da condição de humanidade?

Mas, para terminar, volto a algumas correlações sociopsicológicas, articulando condições de existência subproletárias e modos de comportamento «psicopáticos». As quatro primeiras foram retiradas da obra de Vercauteren e as duas últimas da obra de Ribeaud.

#### *A Imediatização da existência (A temporalidade imediata)*

Segundo Vercauteren, três características definem o subproletariado como camada social: a residência urbana, a não propriedade dos meios de produção (características que partilha com o proletariado) e a irregularidade das prestações de trabalho, tendo como consequência a irregularidade das receitas, que o diferencia deste. Desta última característica decorre, de uma forma di-

---

<sup>(12)</sup> Diga-se, de passagem, que M. C. Ribeaud sentiu sérias dificuldades em evidenciar com clareza os tais valores próprios do subproletariado: «Nós começávamos a aperceber-nos de que nem tudo era somente negativo e de que existia, embora sem conseguir, infelizmente, aprofundá-los, um conjunto de valores próprios do subproletariado esmagados pela nossa civilização» (p. 244). Pelo meu lado, sublinharia a existência de redes de solidariedade (que lembram as formas de solidariedade e de troca pré-capitalistas) e a forma de subjectividade menos privatizada de que ela é o corolário.

recta, o que Vercauteren denomina a imediatização da existência.

Constantemente preocupado em assegurar a sobrevivência imediata, submetido à obsessiva necessidade, cada dia monotonamente repetida, de arranjar alimento e habitação, o subproletariado vive na incerteza permanente, na angústia do amanhã.

A sua existência é jogada ao sabor dos acontecimentos, sem nenhuma ligação com a dimensão histórica, pois não tem senão uma única preocupação: a de viver no imediato. Como pode o subproletário, nestas condições, estabelecer um plano que estruture o seu futuro? Como pode ele construir o futuro?

#### *A fruição do instante (A impulsividade)*

Desconhecendo na totalidade de que é que será feito o dia de amanhã, o subproletário goza o instante presente, aproveita sem adiantos uma qualquer situação de prazer no próprio instante em que se lhe oferece essa oportunidade. Escutemos Manuel Sanchez: «Eu digo a mim mesmo: se de qualquer forma devo morrer um dia, é justo que me conceda bons momentos enquanto vivo, não é assim? Como saber o que me espera no outro mundo? Se tenho dez pesos no bolso e se me apetece um rebuçado, compro-o, mesmo se as minhas despesas não estão liquidadas. Não deve haver desejos insatisfeitos, não é verdade? Eu detesto privar-me de pequenas coisas...» (de *Les Enfants de Sanches* — Oscar Lewis — citado por Vercauteren, pp. 65-66).

#### *O expediente como prática de sobrevivência (A não afectividade)*

Se quer sobreviver, o subproletário é obrigado a passar pela relação de mercado: deve

vender a sua força de trabalho em troca de um salário que poderá transformar em bens de consumo. Ora, precisamente, o subproletariado não tem grande coisa para oferecer, nem no mercado de trabalho, nem no mercado de bens de consumo. Assim, este dinheiro de que ele necessita para a aquisição de bens necessários à sua subsistência, traz-lhe o defeito mais saliente. Como desembaraçar-se daquele problema? Usando o expediente, explica Vercauteren: envolvendo de uma auréola imaginária a matéria de fraco valor que ele possui, e isto por intermédio de uma relação personalizada. O que é que isto quer dizer?

O subproletário necessita de determinado objecto indispensável à sua sobrevivência, mas não possui os meios para o pagar. Que solução, senão a de transformar a sua relação com o comerciante numa relação pessoal? Usará então as diversas formas de que uma relação pessoal pode revestir-se (sedução, enternecimento, astúcia...) para convencer esse comerciante de que é digno de confiança, dissimulando pelos artificios da linguagem, pelo discurso artificial, a pobreza, ou seja, a inexistência de recursos. E que poderá dizer então o comerciante ao descobrir a fraude, senão «ele levou-me» ou «roubou-me»?

A psiquiatria traduz isto em termos de não afectividade: o psicopata utiliza o outro, manipula-o com vista a alcançar os seus próprios fins; é um sujeito mentiroso, espartalhão; não é sincero, autêntico; utiliza uma linguagem falsa; não se lhe pode dar confiança...

#### *O universo mágico (A mitomania)*

Incapaz de exercer o mínimo controlo sobre o seu destino, oscilando ao sabor dos acontecimentos sem exercer sobre os mes-

môs qualquer espécie de poder, o subproletário vive a sua existência segundo o modelo do destino. «Ele é como que prisioneiro de forças estranhas a si próprio, malélicas ou benéficas. Crê na fatalidade. Mas crê também na sorte. Este futuro prometedor, glorioso, enfim feliz, fora do campo realista que ele é incapaz de construir através de acções efectivas, é encarado pelo subproletário como um sonho que, aparatosamente, viria modificar as coordenadas da sua existência actual.

De um certo ponto de vista, o subproletário não cessa de sonhar. No seu discurso «sonho e realidade alternam-se continuamente sem que se saiba ao certo onde começa um e acaba a outra» (Vercauteren, p. 97).

Como escreveu admiravelmente Bourdieu: «totalmente ultrapassados por um mundo que lhes nega o futuro, eles não podem aceder senão a um futuro sonhado, essencialmente diferente do futuro projectado ou previsto, porque o possível não se situa em relação com o real... A esperança mágica é a visão do futuro por aqueles que não têm futuro objecto».

As duas últimas correlações sociopsicológicas, retiradas da obra de M. C. Ribeaud, não derivam das condições sociais de existência em direcção aos modos de comportamento, mas inversamente, de observações psicológicas, realizadas sobre crianças subproletárias e formuladas em termos de *handicaps* ou de carências, para as condições sociais de existência.

#### *O desinvestimento da linguagem (carência simbólica)*

As crianças subproletárias utilizam pouco a linguagem verbal para exprimir as suas necessidades ou os seus desejos. Utilizam uma acção mais directa e rápida. No plano

do comportamento agressivo, essas crianças reagem mais pela violência do que por meio de discussões.

A propósito, poderei evocar uma simples anedota relativa a uma criança que chorava, isolada no seu canto, sem responder às perguntas da jardineira e que permanecia com o pé entalado dolorosamente sob a base de uma cadeira.

Mas a que se deve esta pobreza de vocabulário? Porquê este desinvestimento da linguagem? Por razões congénitas? «A vida quotidiana neste meio, responde M. C. Ribeaud, obriga a uma concentração da energia sobre a satisfação de necessidades elementares: no quarto mundo não há coisas supérfluas, não há palavras supérfluas. E esse facto repercute-se sobre as crianças» (p. 71).

#### *Perturbações da identidade pessoal (A inconsistência)*

Nos dois primeiros anos, na época em que, segundo Piaget, se processaria a construção do objecto e correlativamente de um eu distinto, as crianças subproletárias manifestam através da incoerência dos seus gestos graves dificuldades em se movimentar no espaço, em manipular os objectos. Provável deficiência de um esquema corporal unificado, que põe perante ele um Universo de objectos permanentes.

Porquê? «Poder-se-á pôr aqui a hipótese de que a tarefa da criança relativa à “construção do real” (Piaget), isto é do universo permanente, não é facilitada no interior de um mundo em que nada é estável? Os objectos aparecem e desaparecem... todos nós já observámos indivíduos que, constrangidos pela fome, são forçados a vender o seu calorífero em pleno Inverno, ou o berço do bebé no preciso momento em que precisavam de utilizá-lo, ou mesmo a boneca da

filha, pouco tempo depois de lha terem oferecido. São exemplos reais e não excepcionais. Nas famílias subproletárias, a casa pode esvaziar-se dos objectos mais úteis: caloríferos, mesas, cadeiras. Depois, alguns dias mais tarde (quando o subsídio chega), a casa é preenchida com outros objectos, provavelmente também provisórios. Nestes dias felizes em que o dinheiro chega, os pais compram para o filho um brinquedo talvez destinado a futura venda.» (Pp. 163-164.)

No decurso dos anos seguintes, as crianças atingem, mais tarde que as outras, a famosa crise de oposição ou de personalismo, pela qual tomam consciência de si, necessitam de se igualar ao adulto para que seja assegurada a sua própria consistência. Da mesma forma, elas não dizem «eu» quando falam de si, mesmo aos sete ou oito anos; «a criança que diz “eu” é verdadeiramente o sujeito do que ela diz» (p. 68). De uma maneira geral, pode-se dizer que «a criança subproletária não sabe quem é» (p. 228). Mais precisamente, «no meio subproletário as condições materiais determinam que nada apareça como sólido ou definido. Os adultos estão impregnados desta inconsistência e isso também desde a sua infância. É por este motivo que as crianças não encontram, elas próprias, nada mais que a inconsistência. Um dia tal manifestação da criança é acolhida agradavelmente, por se ter recebido dinheiro em casa, e por seu lado é repelida “à chapada” no dia seguinte, porque o pai perdeu o emprego...» (p. 69).

## CONCLUSÕES

Coloquei lado a lado dois discursos que permaneciam até aqui estranhos um ao outro: o discurso da psiquiatria sobre a psicopatia e o discurso da sociologia sobre

o subproletariado. Penso que o mínimo que posso pedir é que admitam este paralelismo inquietante: é frequentemente com os mesmos termos que os psiquiatras e os sociólogos, ignorando-se mutuamente, se exprimem, uns sobre os psicopatas e os outros sobre os subproletários.

A interpretação deste paralelismo está evidentemente por fazer. A interpretação que eu sugeri é clara: os psicopatas, que se recrutam de uma forma massiva nas camadas sociais mais populares<sup>(13)</sup>, seriam, na realidade, subproletários cujas estruturas de comportamento se moldavam pelas condições sociais de existência, e que a psiquiatria teria como mandato controlar à sua maneira, estigmatizando-os como doentes mentais.

Uma questão continua, porém, a colocar-se: quais poderão ser as implicações de uma tal análise no plano da acção? Sou tentado a responder que de todos os indivíduos que a psiquiatria etiquetou como doentes mentais, os psicopatas são, sem dúvida alguma, os que exigem da nossa parte uma atitude absolutamente não psiquiátrica. Quero com isto dizer que a atitude mais justa de um trabalhador da saúde mental perante os ditos psicopatas consiste, talvez, numa recusa de se ocupar deles. Pois, mesmo supondo que a psiquiatria tem ainda um objecto legítimo de atenção e de intervenção, o que alguns tentam definir em termos de «sofrimento», em todo o caso a psicopatia não faz parte desse objecto: não só o psicopata não é um doente, mas também não é um homem que sofre e que pede ajuda<sup>(14)</sup>.

---

<sup>(13)</sup> O que o próprio Cassiers observa numa rápida referência sociológica, para em seguida a desprezar negando-lhe qualquer pertinência ao nível do processo psicopatológico.

<sup>(14)</sup> O que a psiquiatria sempre soube e que nunca deixou de a inquietar: o psicopata não so-

Existe uma outra possibilidade a propósito da qual ainda me interrogo: o desenvolvimento, com os «psicopatas», de um processo «alternativo» de psiquiatria, tentando transformar em consciência e luta política articulada esta revolta social, de que o comportamento «psicopático» pode ser expressão larvar.

Mas não poderei aprofundar aqui esta problemática, à qual espero voltar em próximas contribuições.

### RÉSUMÉ

*Dans ce travail, l'auteur se propose d'établir un parallélisme entre les traits caractéristiques des enfants sous-prolétaires et ceux attribués aux psychopates.*

*Ceci dit, dans son approche il essaye de faire converger deux discours différents et qui souvent s'ignorent mutuellement, celui des sociologues et celui des psychiatres.*

*D'après son interprétation, les psychopates se recrutent de plus souvent parmi les classes populaires. Bien que les psychopates se soient pas des malades, et qu'ils ne souffrent pas, ils gênent la société, c'est pourquoi la psychiatrie n'a sur eux qu'une fonction de contrôle.*

*L'auteur termine son discours laissant ouverte la question suivante: si la psychiatrie réussissait à transformer en conscience et lutte politique la révolte sociale que le comportement psychopatique peut être en puissance?*

---

fre, mas faz sofrer a sociedade; ele não tem problemas, mas a sociedade tem problemas com ele. De uma certa maneira, a psiquiatria sempre soube que exerceu apenas uma função de controlo social em relação ao psicopata.

**ASSINE**

**DIVULGUE**

# ANALISE PSICOLÓGICA



**Distribuição**



**CENTRAL  
DISTRIBUIDORA  
LIVREIRA**

**AV. SANTOS DUMONT, 57 - 2.º  
1000 LISBOA**

